



## POLÍTICAS DE PATRIMÔNIO NA PAN AMAZÔNIA

### ESTRATÉGIAS DE USO E APROPRIAÇÃO DE CENTROS HISTÓRICOS: ESTUDO SOBRE O PROJETO CIRCULAR CAMPINA-CIDADE VELHA.

Magaly Caldas Barros <sup>1</sup>

#### INTRODUÇÃO

*O Centro Histórico de Belém (CHB) é um espaço habitado.* Esse é nosso ponto de partida, mas não será focada na moradia que desenvolveremos nossa análise, mas sim no que o habitar pressupõe como estilo de vida urbano ao sujeito que consolida o patrimônio. As organizações sociais não institucionais conjecturam uma ideia de cidade poucas vezes percebida por quem estuda os edifícios patrimonializados. Diante disso, nos deparamos com uma problemática sobre as estratégias de apropriação dos centros históricos, em especial do CHB. Esta pesquisa objetiva analisar como o Projeto Circular Campina-Cidade Velha se apropria do espaço patrimonializado do CHB. Para tanto, elegemos elementos teóricos e empíricos que evidenciam as formas de uso e apropriação do espaço patrimonializado a partir da efetivação do Projeto Circular, seguindo as bases teóricas de Lefebvre (2013), Santos (2017), Bourdieu (2011) e Certeau (2013). Dois pontos merecem ser destacados sobre as relações na produção espaço do CHB: o primeira, reside no papel central do sujeito, pois revela a continuidade e a ruptura das relações sociais, isto é, faz-se suspensa a ideia de “começo” e em vez disso tem-se a sucessão ou o corte as estruturas discursivas, das práticas, das linhas de pensamento, dos gestos que, em seus interstícios, dão significado às possibilidades de fazer-se existência – “A través del cuerpo se percibe, se vive y se pro-duce el espacio” (LEFEBVRE, 2013, p. 210); o segundo ponto, trata dos enfrentamentos cotidianos experimentados durante as atividades do Projeto Circular, como os problemas de mobilidade urbana, coleta de lixo e segurança pública, que apesar de atravancar a participação dos setores mais distantes do centro histórico, não impede a presença desses sujeitos nas atividades.

#### ARGUMENTAÇÃO E REFLEXÕES

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará. Compõe o Grupo de Pesquisa em Geografia do Turismo (GGEOTUR) vinculado à UFPA. E-mail: [magalycaldasb@gmail.com](mailto:magalycaldasb@gmail.com).

Buscamos defender a hipótese de que a dinâmica de produção do espaço do CHB envolve sujeitos que, em diferentes escalas de atuação, estabelecem relações de uso e apropriação do espaço expressas pelo domínio hegemônico (simbólico e concreto) dos grupos que levam vantagem nas disputas espaciais. O Projeto Circular difunde conceitos característicos aos espaços do centro histórico e adjacências, possibilita uma leitura geográfica de uma secessão estruturada de momentos, como um quadro absoluto de referências que origina a ideia permanente e cambiante dos usos contemporâneos do CHB. Tais usos fruem de técnicas e novas tecnologias, como a transmissão em tempo real dos acontecimentos por meio das mídias sociais, ou como a publicação de editoriais e matérias na Revista Circular a respeito das ações produzidas e desencadeadas pelo Projeto.

Escolhas individuais, operadas por sujeitos recíprocos e que têm posse (teórica ou prática) das pressões estruturais, são suscetíveis de serem interpretadas por uma lógica mecânica de concentração – no sentido de agrupamento do termo – que delibera sobre os objetos, sobretudo os patrimoniais, a partir da inflação de memórias. No caso do Projeto Circular, memórias já consolidadas do CHB são reativadas pela leitura decolonial do espaço. Desse modo, as pressões estruturais que incidem sobre os sujeitos que participam do evento, sejam eles parceiros ou participantes, são responsáveis por uma parte, um tanto ampla, da produção atual do CHB. Tais pressões, não se restringem as necessidades talhadas num determinado espaço de tempo, nem nas disposições econômicas urgentes ou na velocidade das relações sociais: é toda a estrutura social – colonial, racista, machista, discriminatória, elitista e segregadora – que pesa sobre as decisões de todos, desde a escolha de sair de casa para participar das atividades do Projeto até as estratégias publicitárias de divulgação das atividades.

As práticas de consumo produzidas pelo Projeto Circular parte do deslocamento da atenção dada ao consumo dos bens patrimoniais. Para Certeau (2013), “é preciso interessar-se não pelos produtos culturais oferecidos no mercado de bens, mas pelas operações dos seus usuários” (p. 13) e ocupar-se com as diversas formas de delimitar socialmente (lê-se econômica, prática e discursivamente) o desvio trabalhado num recorte espacial por uma prática. Assim, voltamo-nos para a reprodução das criações do Projeto Circular, que podem ser perecíveis ou duradouras, mas que sobretudo parecem irromper o cotidiano do CHB e reunir sujeitos circunscritos pelas práticas. Essa perspectiva toma como referência principal a variabilidade existencial do arranjo ativador das práticas, nesse caso, o discurso de apropriação e consumo do espaço patrimonializado do CHB, além da pluralidade das práticas na regularidade do calendário de ações do Projeto Circular.

É importante frisar que o planejamento urbano não é capaz de criar um discurso mitigador, que coloca os especialistas num lugar confortável para operar os sistemas políticos decisórios. A dimensão política do planejamento compreende a capacidade desses sujeitos quando os coloca em posições que alçam campos de expressões de fazer *no* e *com* o espaço. Para que a experiência do corpo encontre lugar no espaço é necessário a “domesticação” das formas de fazer, isto é, o planejamento com suas taxonomias da ordem imposta. Tudo isso restringe a memória cultural (corporeidade) do corpo no espaço próprio.

A experiência do corpo evocada nesta análise se restringe às formas de agir do sujeito sobre as quais Bourdieu (1992; 2007) e Lefebvre (2013) documentaram. Como soma à nossa análise do uso e apropriação do espaço do CHB, veremos brevemente como o conceito de subjetivação coletiva de Guattari (2012) amplia a perspectiva empreendida sobre o Projeto Circular afim de marcarmos a dimensão simbólica da produção do espaço.

As contribuições de Guattari (2012) nos ajudam a pensar sobre a subjetividade enquanto produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais, fazendo dela polifônica e heterogênea. Segundo o autor, há um desenvolvimento de produções maquínicas de subjetividade em que “Os fatores subjetivos sempre ocuparam um lugar importante ao longo da história. Mas parece que estão na iminência de desempenhar um papel preponderante, a partir do momento em que foram assumidos pelos *mass media* de alcance mundial.” (GUATTARI, 2012, p.12). De modo geral, a história contemporânea tem mostrado diversos momentos de reivindicação por lugar de fala (RIBEIRO, 2017), por espaços democráticos, reivindicações de singularidade subjetiva, que criam grupos sociais cada vez mais particularizados para ocupar espaços definidos objetivamente na lógica hegemônica de produção. Guattari (2012) entende que a produção de subjetividade é realizada por Equipamentos Coletivos, essa produção pode ser direcionada para duas vias, uma ligada a criação, “a invenção de Universos de referência”, outra ligada a mass-mediação.

Aqui pretende-se analisar as dinâmicas espaciais que partem do confronto *sujeito X objeto*. O caminho seria identificar o cruzamento: entre os Universos de referência e o uso direcionado do espaço urbano. É inevitável não pensar no CHB quando a apropriação discursiva por vezes camufla a multiplicidades de significados do objeto diante do sujeito. Um exemplo desse movimento são as fachadas da maioria dos prédios históricos cobertas por grandes placas comerciais que impedem a visualização do traçado arquitetônico tombado. Outro exemplo é a narrativa visual empregada para explorar um contexto de apropriação do CHB em plena consonância com os interesses patrimoniais, retirando o foco das fachadas, dos fios de energia

e de telefonia expostos, de tudo que pode ser entendido como um ruído ao discurso patrimonial, como representam as figuras 1 e 2, abaixo:



**Figura 1:** Atividade do Projeto Circular no bairro Campina. **Autor:** Otávio Henriques. **Fonte:** [www.projetocircular.org](http://www.projetocircular.org).



**Figura 2:** Atividade do Projeto Circular no bairro Campina. **Autor:** Otávio Henriques. **Fonte:** [www.projetocircular.org](http://www.projetocircular.org).

É interessante perceber também, que as imagens compõem a prática discursiva do Projeto Circular quando evidenciam as pessoas na rua, nas praças, nos estabelecimentos, consumindo e criando formas de uso para e no CHB. O urbano fotografado não é apenas cenário da narrativa patrimonial, como também “sujeito” central às práticas discursivas.

Uma análise comparativa entre os conceitos vinculados aos autores – Bourdieu (1992; 2007) e Lefebvre (2013) –, demonstra o entrelaçamento entre a produção do espaço, linguagem e cultura. Além disso, situa nosso entendimento sobre os sujeitos urbanos que agem no e a partir do espaço patrimonializado do CHB, definindo-os como aqueles que modificam as formas de uso e de apropriação do espaço urbano por meio de suas práticas cotidianas atravessadas pela estrutura do Estado na forma de normatização do espaço.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos encarar o Projeto Circular como um espaço de abertura aos segmentos populares e sua forma de participação institucional a partir da representatividade do Projeto. Apesar de ele não possuir uma orientação clara de inserção, por conta de sua natureza heterogênea e pela fragmentação de interesses, o Projeto Circular cria condições de influência nas políticas públicas. O tipo de participação organizado pelo Projeto não se dá num espaço hegemônico, mas é indispensável para o avanço político que consolida a sociedade organizada como sujeito central no processo democrático e na conquista de direitos sociais. A variedade de frentes de atuação do Projeto Circular indica ainda uma tendência em construir espaços de legitimação das relações de poder.

O sujeito ativado pelo Projeto Circular é, sobretudo, um sujeito político que concebe seu espaço, bem como seu patrimônio cultural, a partir das relações de uso, do convívio com

outros sujeitos, das trocas simbólicas, das mediações econômicas a respeito do consumo do espaço etc. A relação estabelecida com o patrimônio encerra-se no domínio do passado e do futuro, fazendo do ato de consumir os equipamentos urbanos ligados à temática patrimonial uma forma objetiva de se trabalhar o devir e o porvir dos centros históricos.

Guattari (2012) entende que “o porvir da humanidade parece inseparável do devir urbano” (p. 150). Isto é, somente é possível pensar a subjetividade humana quando aliada à dimensão urbana da vida, desenvolvendo reflexões sobre a cidade e as experiências urbanas nela produzidas. As práticas do Projeto Circular operam, dentre outros modos, no aspecto subjetivo do sujeito que, apesar de ser travessado por estruturais sociais, tem a possibilidade de criar uma nova leitura estética sobre o urbano, a isto Guattari (2012) chamou de “modalidades de subjetivação”. Nesse processo, todos os fatores urbanos contribuem para uma nova forma de relação, onde o sujeito reconhece sua potência no estar no espaço.

*Palavras-chave: Produção do espaço. Centros históricos. Patrimônio. Projeto Circular Campina-Cidade Velha. Belém.*

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Language and symbolic power**. Cambridge: Polity Press, 1992.

BOURDIEU, P. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007b.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz (português de Portugal) – 15ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2011.

CERTEAU, M de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 20. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. – São Paulo: Editora 34, 2012.

LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Introducción y traducción: Emilio Martínez Gutiérrez. Capitán Swing Libros, S. L.: Madri, 2013.

**PROJETO CIRCULAR**. [www.projetocircular.org](http://www.projetocircular.org). 2021.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais).

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª. Ed. – São Paulo: Edusp, 2017.